



Eu, repórter

Como vocês podem perceber pela assinatura desta matéria, eu também tenho um nome incomum. Quando criança, dizia que iria mudar assim que fizesse 18 anos. Minha mãe, a responsável pela escolha, defendia-se contando os significados bonitos por trás da escolha, eu não me convencia, mas hoje repito a história dela com orgulho para quem pergunta: em um significado indígena quer dizer Rosa.

Também pesquisei a origem de Eileen, que tem a mesma pronúncia do meu abrigado Ailim, e me identifiquei, além de achar bonito. Em uma das possíveis origens, é uma variação do grego Helene, que ilumina ou traz luz. Em outra grafia, Aylin, de origem turca, o significado é luz da Lua.

Aprendi que meu nome diz muito sobre mim, acho que as experiências que vivi com ele me fizeram ser quem sou e quando pensava em mudar de nome, não conseguia imaginar um em que me sentiria “eu mesma”.

Durante a infância e adolescência, ouvia piadinhas e era chamada de aipim. Passar o meu e-mail, meu finado Orkut e até pedir uma pizza obrigavam-me, muitas vezes, a soletrar, mais de uma vez, as cinco letras, com ênfase no final: “m de Maria”.

Ritual que se repete até hoje, tenho até um ritmo próprio para soletrar. Em um prédio de consultório médico meu cadastro diz “Ailm de Maria”, nunca corrige. Em coisas simples, como pedidos em lanchonetes, confesso, minto o nome ou dou o de quem está comigo.

Depois de mais velha, acostumei-me, apesar de reclamar com meu pai e outras pessoas da família que não me defenderam do nome diferente (apesar de hoje, sendo mãe, concordar que quem tem que escolher é quem entrou em trabalho de parto mesmo!).

Até que, aos 24 anos, deparei-me com uma situação que jamais teria acontecido se eu me chamasse Cecília ou Lívia. Aos 14 anos, em uma festa junina, conheci um amigo de amigos que me pediu um beijo. Neguei, afinal, não tinha interesse. Na hora seguinte, não tive descanso enquanto o menino, da minha idade, não parava de insistir. Me cansei e decidi: “ah, que coisa. Vou dar um beijo logo para ele me deixar em paz e ir embora”.

Aqui faço um parêntese necessário nas histórias sobre nomes, era muito nova, imatura e insegura. Não gostava de dizer não e desagradar as pessoas, mesmo que elas estivessem me desagradando. Cedi a uma insistência que não deveria sequer ter existido. Meninas, meninos, não façam isso. Se alguém estiver incomodando, não ceda e faça o que o outro quer quando não estiver confortável. E vale o contrário, se alguém disser não, respeite e não insista, forçando uma situação, no mínimo, desagradável.

Voltando para a história e demonstrando por A mais B que essa estratégia, além de um desrespeito comigo mesma, não funcionou. Depois de dar um beijo, ele me pediu em namoro e antes que eu pudesse responder emendou com “por favor, não diz não. Hoje é meu aniversário”. Atônita, respondi apenas um desconfortável “tá bom”. Passaram-se algumas semanas nas quais eu fugia e nunca dizia quando visitava minha avó, de quem ele era vizinho de quadra. Devo tê-lo encontrado uma ou duas vezes.

Viajei com a família e fui acometida por uma paixão de verão. Com meu celular de créditos, que também eram consumidos se você recebesse ligações fora de sua cidade, fiz uma ligação e terminei o “namoro”. Ele não aceitou e disse que eu ainda era, sim, sua namorada. Pedi que parasse de ligar, o que não aconteceu. Parei de atender, mas o telefone não parava. Pedi que um amigo falasse por mim e pedisse que ele me deixasse em paz.

Funcionou. Pronto. Pronto? Dez anos se passaram e cheguei a pensar no caso todo com uma sensação ruim de vergonha e culpa, “por que deixei isso acontecer comigo?”. No meu primeiro emprego, neste mesmo **Correio Brasileiro** em que ainda escrevo, ofereci minha casa para a festa de fim de ano da equipe.

Uma das colegas foi de Uber e ligou no caminho para confirmar o endereço. Quando ela desligou, o motorista disse com uma voz teatral (segundo a amiga): “Ailim, Ailim Cabral?”

Após a confirmação, ele passou a contar uma triste história em que eu o teria traído e partido seu coração sem piedade. Confirmou e perguntou detalhes da minha vida, expostos nas redes sociais. Quando ouvi, me apavorei. Percebi que quando a recebi na porta, o motorista tinha dado um aceno com a buzina. “Meu Deus, que loucura, e agora ele sabe onde eu moro”, eu pensava, enquanto o bloqueava das minhas redes e tornava todas as informações privadas aos meus amigos, hábito que cultivo até hoje.

Mais alguns anos se passaram e ao pedir um Uber depois de uma festa com amigas, meio alegrinha, dei um grito quando vi o nome e a foto do motorista. Sim, era ele. Cancelei imediatamente e tentei solicitar outro motorista. Ele aceitou a corrida em mais três tentativas. Por fim, consegui outro profissional e segui com medo que ele aparecesse no lugar.

Hoje, rindo, te agradeço, mãe, por me dar material para esta reportagem, na qual posso divertir e assustar os leitores. E fica a lição que tento internalizar até hoje: aprender a dizer não e ter menos medo de desagradar aos outros em detrimento do meu bem-estar.